

Periodismo de radio e las especificidades productivas del gatekeeping: selección de fuentes en la cobertura de lo impeachment

The productive specificities of gatekeeping in radiojournalism: the selection of sources in the coverage of impeachment

As especificidades produtivas do gatekeeping no radiojornalismo: a seleção das fontes na cobertura do impeachment

Luán José Vaz Chagas (Brasil)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

luaanchagas@gmail.com

Fecha de recepción: 21 de marzo de 2017

Fecha de recepción evaluador: 25 de marzo de 2017

Fecha de recepción corrección: 30 de marzo de 2017

Resumen

Las características productivas de periodismo de radio en lo proceso de gatekeeping en la selección de las fuentes es el objeto de estudio central em lo período de cobertura del impeachment de la presidente Dilma Rouseff en agosto de 2016. El objetivo es tener una visión teórica sobre las perspectivas desde Gatekeeper y sus formas de discutir la profesionalización y la rutina del trabajo periodístico en la radio. Al lado de entrevistas semiestructuradas con periodistas de cinco estaciones que participaron en la cobertura, el artículo describe las características esenciales del medio en la elección de voces en el entorno multiplataforma. Las últimas preguntas están relacionadas con la figura del

gatekeeper y una propuesta de acción específica en el periodismo de radio, diferente del concepto tradicional y sus cambios con las nuevas tecnologías.

Palavras clave: gatekeeping; periodismo de radio; gatewatching; radiogate; impeachment

Abstract

The radiojournalism's productive specificities regarding the gatekeeping process in the selection of sources is the object of the study focused about coverage of the impeachment of President Dilma Rouseff in August 2016. The objective is to carry out a theoretical overview of the perspectives of the Gatekeeper and their ways of discussing the professionalization and the routinization of journalistic work in radio. Alongside semi-structured interviews with journalists from five broadcasters who participated in the coverage, the article discusses the essential characteristics of the medium in the choice of voices in the multiplatform environment. The final questions are related to the figure of the gatekeeper and a proposal of specific performance in radiojournalism, unlike the traditional concept and its changes with the new technologies.

Key-words: gatekeeping; radiojournalism; gatewatching; radiogate; impeachment

Resumo

As especificidades produtivas do radiojornalismo quanto ao processo de gatekeeping na seleção das fontes é o objeto do estudo focado no período da cobertura do impeachment da presidenta Dilma Rouseff em agosto de 2016. O objetivo é realizar um apanhado teórico sobre as perspectivas do Gatekeeper e suas formas de discutir a profissionalização e a rotinização do trabalho jornalístico no rádio informativo. Ao lado de entrevistas semi-estruturadas com jornalistas de cinco emissoras que participaram da cobertura, o artigo discute as características essenciais do meio na escolha das vozes no ambiente multiplataforma. Os questionamentos finais são relacionados à figura do gatekeeper e uma proposta de atuação específica no radiojornalismo, diferentemente do conceito tradicional e de suas alterações com as novas tecnologias.

Palavras-chave: gatekeeper; radiojornalismo; gatewacher; radiogate; impeachment

Introdução

Em um período de polarização que atinge os extremos em todo mundo, e de forma intensa no Brasil desde as manifestações de junho de 2013, recorrer aos estudos sociais para compreender o que estamos vivendo é uma tentativa de encontrar respostas, ou ainda mais dúvidas, sobre os acontecimentos. Um deles, em pauta no jornalismo brasileiro

desde o aceite do proceso em dezembro de 2015, é o impeachment da presidenta Dilma Roussef em agosto de 2016. Diante de fontes cada vez mais profissionalizadas, como atuou o gatekeeper do radiojornalismo na seleção das vozes no período de cobertura do processo?

O processo de gatekeeping na seleção das fontes (Shoemaker e Vos, 2011) é acionado para compreender a atuação dos profissionais de radiojornalismo durante a semana que antecedeu a votação final do impeachment no congresso nacional. O objetivo é discutir as perspectivas teóricas do gatekeeper, a profissionalização e a rotinização do trabalho jornalístico meio radiofônico. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco jornalistas de emissoras que atuaram na cobertura (CBN, BandNews, Gaúcha, Bandeirantes) sobre as formas de seleção e a atuação no congresso nacional em meio a questões como a presença no palco dos acontecimentos, convergência profissional e atuação multitarefa, e o fluxo da escolha de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na cobertura.

Assim como Barsotti e Aguiar (2012) defendem um posicionamento específico dos profissionais no webjornalismo, os questionamentos finais são relacionados à figura do gatekeeper e uma proposta de atuação específica no radiojornalismo, diferentemente do conceito tradicional e suas alterações com as novas tecnologias. Nesse sentido, as bases do conceito em White (1950) são reforçadas ao longo dos canais pensados por Shoemaker e Vos (2011) dentro dos constrangimentos organizacionais (Breed, 1999), dos modos de acesso das fontes ao temário jornalístico (Molotch e Lester, 1999) até os estudos voltados à especificidade produtiva no rádio informativo (Lopez 2010; Meditsch, 2001; Kischinhevsky, 2016).

O Gatekeeper como base teórica das rotinas

A formação de um pensamento relativo à construção da teoria do gatekeeper específico ao modelo de produção informativa no ambiente radiofônico requer uma série de considerações. Em primeiro lugar é a necessária crítica ao modelo clássico já alertado por Traquina (2005) ao chamar o processo de “teoria da ação pessoal ou teoria do ‘gatekeeper’” quanto ao conceito de Kurt Lewin aplicado ao jornalismo nos anos 1950. White ([1950] 1999) constituiu na figura do gatekeeper a partir do Mr. Gates, o editor de um jornal médio americano, o poder de decidir sobre a escolha ou não de determinadas notícias.

O processo de produção da informação é pensado a partir de uma série de escolhas que necessitam passar pelos portões (*gates*) para chegar ao fluxo noticioso. A pesquisa foi baseada nos motivos que levaram o jornalista a rejeitar notícias das agências internacionais que recebia. Com um índice de 90% de materiais não aceitos para a publicação, os resultados concluíram que a seleção era realizada de maneira subjetiva e

ligada aos juízos de valor do gatekeeper. Segundo White ([1950] 1999), estes valores eram “baseados na experiência, atitudes e expectativas” profissionais desempenhadas.

Para fugir das especificidades e limitações na “seleção” apresentadas por Traquina (2005), defende-se aqui uma abordagem ampliada e necessária aos debates pelos quais o radiojornalismo passa no Século XXI. Uma delas é a compreensão de que a seletividade é um dos principais diferenciais do jornalismo, com relação às fontes e ao que é notícia, garantindo até mesmo, a possibilidade de autonomia frente a outras instituições (Hall et al., 1999). A outra é que a figura do gatekeeper é repensada ao longo das últimas décadas e organizada a pensar a notícia não apenas na descoberta e seleção pela mídia, mas também como parte de um complexo sistema que envolve as fontes de informação como produtora dos eventos e a transformação destes acontecimentos em mensagens jornalísticas (Shoemaker e Vos, 2011).

Desta forma, segundo os autores, o gatekeeping enquanto processo de seleção e transformação dos acontecimentos em notícias, promovidos ou não pelas fontes, ganha um papel central no jornalismo produzido hoje. Para Shoemaker e Vos (2011, p.14) “os gatekeepers determinam aquilo que se torna a realidade social de uma pessoa, sua forma particular de ver o mundo”. E a rede noticiosa, composta de canais enquanto veículo noticioso depende das fontes para a promoção e apuração das informações (Tuchman, 1983). Uma relação complexa que envolve o processo de gatekeeping principalmente ao considerar a afirmação de Traquina (2005, p. 190): “as fontes são quem são porque estão diretamente ligadas a setores decisivos da atividade política, econômica, social ou cultural”.

Uma questão central na seleção destas fontes no processo de construção da notícia é a noção de forças que podem determinar o atravessamento de um portão ou não no processo de gatekeeping, algo já destacado deste os estudos do comportamento apresentados aos estudos sociais em 1947 pelo então diretor do Centro de Pesquisas de Dinâmicas de Grupo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), Kurt Lewin. No caso do jornalismo, Shoemaker e Vos (2011) argumentam que as forças operam ao longo dos canais, variam de potência e aquelas que possuem mais poder diante de cada portão claramente terão mais probabilidades de atravessá-los.

Paul B. Snider realizou uma réplica do estudo de White 16 anos depois e percebeu praticamente os mesmos resultados. De acordo com o autor, embora o gatekeeper estivesse mais experiente em 1966 e com o trabalho sobre apenas uma agência, a escolha pessoal ainda era mantida. O diferencial foi a diminuição do número de histórias de interesse humano e mais textos sobre as guerras internacionais do período. Em 1956, Gieber realizou um estudo com dezesseis editores telegráficos sobre a seleção de notícias de agências e teve conclusões diferentes de White. Para ele, a organização e as rotinas produtivas altamente mecanizadas operavam acima de interesses subjetivos ou pessoais.

As pressões internas da organização atuavam como uma “camisa de força” acima da subjetividade (Shoemaker e Vos, 2011).

Westley e MaClean, em 1956 propuseram o estudo do gatekeeper em que a organização estabelece um conjunto de significados sociais que extrapolam a individualização que por White concluía no estudo sobre a seleção das informações; McNelly em 1959 e Bass em 1969 também apontam para a individualização do processo de seleção jornalística desde a relação jornalista/fonte até a coleta de notícias na rua; Chibnall, em 1975, afirma que a parte mais importante desta construção no processo do gatekeeping diz respeito às fontes que fornecem informações para o tratamento dos fatos. Um dos argumentos é de que no momento que a mensagem chega ao editor, as decisões mais importantes já foram tomadas pelo gatekeeper mais importante, aquele que selecionou as fontes, ou seja, a seleção e o processamento estão em todos os estágios.

São inúmeros os estudos de caso, experiências e aplicações da metáfora com o objetivo de afinar questões conceituais, ajustar as perspectivas específicas das redações, independente da plataforma. Ainda nesse caso das fontes, Gandy, outro autor citado por Shoemaker e Vos (2011), relaciona algo ligado à pesquisa desenvolvida neste artigo. Para o autor, o papel do que chama de “indústrias de relações públicas” é preponderante ao fornecerem subsídios informativos de forma atraente para a mídia. O estudo realizado em 1982, já apontava que grande parte das decisões do recolhimento e processamento, seleção de fontes, ocorre antes da chegada ao jornalista na redação. Com este argumento, os níveis de construção informativa e dos dados apresentados pelos materiais enviados garantem mais probabilidades de passar pelos portões da mídia. Segundo Shoemaker e Vos (2011, p. 34), neste raciocínio, “os gatekeepers passam a ser não só coletores, fontes e processadores, mas também profissionais de relações públicas e demais representantes de grupos de interesse que querem modelar o conteúdo da mídia de massa”.

Atores como a indústria de assessorias e relações públicas exercem forças positivas nos canais ao fornecerem materiais como os releases e até materiais prontos para as redações jornalísticas. Assim, Shoemaker e Vos (2011), com base no conceito de campo, apontam para três canais na seletividade das informações: o canal das fontes, o canal da mídia e o canal da audiência. A premissa do evento como um marco zero e de que as informações sobre esses acontecimentos parte das pessoas que participam delas é a base para entender a importância do canal das fontes no processo de cobertura jornalística.

É a partir do canal das fontes e da mídia que o fluxo de informações chega à audiência. Nos dois casos existem seções, com um portão a sua frente que controla a entrada ou não dos eventos e as percepções existentes sobre eles: “Consequentemente, entre as seções mais importantes do canal das fontes, estão a capacidade de observação por parte das fontes, sua memória de longa e curta duração e suas decisões sobre que tipo

de informação dar aos jornalistas” (Shoemaker e Vos, 2011, p. 173). É no canal da mídia que exerce o tratamento dos dados pelos profissionais da redação que pode ocorrer tanto de forma direta, no local dos acontecimentos ou então, a partir da dependência de releases, rotinas de governo e outros subsídios garantidos pelo canal das fontes a partir de estruturas organizadas em assessorias ou agências.

Já o terceiro canal, dentro da proposta dos autores, a audiência começou a exercer a partir da internet o papel de gatekeeper com a seleção, compartilhamento e o comentário realizado pelos leitores. De acordo com o argumento utilizado neste processo, as percepções dos jornalistas agora interagem entre o que é recebido pela audiência e os valores notícia e as próprias experiências da audiência e as relevâncias pessoais atribuídas aos conteúdos.

Ao contrário de Shoemaker e Vos (2011), Bruns (2011) argumenta que o jornalismo colaborativo ou cidadão estão sendo explorados desde os anos 1980, mas de forma limitada e ainda na convencionada produção de cima para baixo. Para ele, há uma mudança radical com as plataformas de mídia social: a interrupção nos modelos jornalísticos de gatekeeping e o desenvolvimento do gatewatching. A escassez de canais de mídia e o crescimento do jornalismo participativo com as possibilidades da internet foram bases dessa mudança. Ao invés do papel de porteiro ou selecionador, a nova função seria agora a de curadoria, como um guia para as informações ou o vigia do que estava sendo destacado pelo próprio público.

Segundo Bruns (2005) o gatewatching é um processo de produção de notícias sem uma estrutura hierárquica que o controle tradicional havia estabelecido. Desta forma, o público tem acesso a diferentes fontes e não necessariamente depende dos jornalistas ou da própria mídia para a produção e difusão das notícias. Sem responder claramente se isto se trata realmente de jornalismo, o autor pressupõe que as novas tecnologias proporcionaram o envolvimento dos usuários no acompanhamento e observação do alto número de materiais noticiosos. Mesmo assim, reconhece que não possuem condições de guardar e controlar os portões dos canais de informação disponibilizados com base nos valores notícia estabelecidos pela profissão.

Com base neste argumento, o autor reafirma a posição dos jornalistas profissionais de aprofundar as informações dentro dos canais de mídia, buscando na investigação um norte para a produção neste novo modelo. Já o público age colaborando com a seleção de materiais informativos e o compartilhamento dos eventos para atualização com a velocidade que demanda a difusão de notícias no atual momento. “Este compartilhamento maior entre os jornalistas industriais e os usuários contribuintes deixaria para os primeiros mais espaço para se concentrarem no seu trabalho investigativo e no desenvolvimento de matérias originais, que são menos viáveis para os contribuintes não jornalistas sem remuneração” (Bruns, 2011, p. 130).

A introdução deste novo modelo, segundo o autor, seria a consequência da racionalização dos processos de produção de notícia, com demissões e a redução do quadro de jornalistas nas empresas de mídia. Os sucessivos cortes nas redações, ao lado da multiplicidade de canais informativos e a crescente participação da audiência nas mídias sociais contribuíram para o reposicionamento nos mercados de mídia, o *lobbying* de concorrentes, patrocinadores e investidores, e a própria revisão do conceito clássico do porteiro.

Barsotti e Aguiar (2012), em uma pesquisa realizada com o editor da primeira página do O Globo, propõem uma contextualização aplicada ao que chamam de *Mr. Web Gates* como jornalista enquanto mobilizador de audiência na internet. Os autores argumentam que a abordagem do *gatewatcher* se superpõe ao *gatekeeper*, pois mesmo na web, o jornalista continua com o papel de selecionar e checar as informações que estão sendo veiculadas. Eles afirmam ainda que os dois casos não dão conta das reconfigurações exercidas no papel de mediação entre as notícias e o público.

Envolvido em uma relação multitarefa no seu cotidiano, o *Mr. Web Gates* abordado na pesquisa de Barsotti e Aguiar (2012) demonstra o contexto atual da seletividade das informações e a integração entre redações de jornal, TV, sites e amplas responsabilidades. As fontes, oriundas de diversos ambientes como da reportagem ou então das redes sociais, agências e assessorias, passam pela avaliação no filtro exercido pelos editores para então serem levados ao editor de capa. De acordo com os autores, os critérios de seleção resultam de uma articulação pessoal e subjetiva da cultura profissional dos jornalistas aos constrangimentos organizacionais e as rotinas produtivas da empresa.

Uma das constatações da pesquisa é que o *Mr. Web Gates* em muitos casos é envolvido pelo gosto dos leitores nas listas de reportagens mais lidas, o que resulta em uma maior flexibilidade frente aos valores notícia: “Ou seja, o gosto do leitor é tão presente a ponto de levar o *Mr. Web Gates* a afrouxar os critérios de noticiabilidade, pois o simples amanhecer no Rio não se enquadraria em nenhum dos ‘valores-notícia’ já acima mencionados” (Barsotti e Aguiar, 2012, p. 11). Além disso, a partir de materiais produzidos com o envolvimento do leitor em enquetes e sugestões, o jornalista exerce a função de mobilizar a audiência e engajar o público em determinadas causas.

Em todos os casos, de uma forma ou de outra, os meios condicionam obviamente a produção jornalística em diferentes especificidades. Do formato impresso ao online, a manutenção dos valores notícia e seus critérios de noticiabilidade são aspectos que embasam a seletividade das informações do *gatekeeper* ou do *gatewatcher*. Assim reconhece-se aqui a necessidade da manutenção de abordagens em torno da reconfiguração dos processos de seleção, que são anteriores inclusive ao período compreendido pela internet.

O estudo sobre a produção jornalística no rádio, com foco no processo de gatekeeping e a participação das fontes está posicionada no centro das características atuais da produção informativa, como o jornalista sentado (Neveu, 2006) e as especificidades de cada meio. Estão inseridas nesse escopo, a natureza substantiva do ao vivo que coloca o radiojornalismo para além do atual momento da internet, mas no seu complexo produtivo em que há uma problematização do “tempo real” que está presente desde as suas primeiras transmissões. No que tange à atualidade, as reconfigurações com o rádio expandido e hipermidiático na fase da multiplicidade da oferta são as chaves para entender o acirramento profissional na produção de conteúdos para diferentes dispositivos.

Há um Mr. Rádio Gate?

A partir das considerações pensadas aqui, como a teoria do gatekeeper pode ser abordada diferentemente dos estudos voltados a meios essencialmente impressos ou online? Se olharmos para o rádio, qual deve ser o foco a partir de características fundamentais na produção noticiosa, como as apontadas por Ortriwano (1985): 1) Linguagem Oral, 2) Penetração, 3) Mobilidade, 4) Baixo custo, 5) Imediatismo, 6) Instantaneidade, 7) Sensorialidade e 8) Autonomia. Ou como analisar este fenômeno a partir do Rádio Expandido (Kischinhevsky, 2016) e Hipermidiático (Lopez, 2010) e as novas funções proporcionadas pela tecnologia dentro da redação? O argumento é que esses processos (seleção, relação com as fontes e hierarquização) se mantêm independente da convergência, ao analisar o rádio como meio expandido que possui uma série de abordagens metodológicas que precisam ser pensadas também no âmbito da redação.

Meditsch (2001) argumenta que a padronização do discurso jornalístico do rádio supera o gênero gráfico ao estabelecer uma regularidade à espontaneidade da emissão sonora da fala. Essa superação, segundo o autor, é resultado, em primeiro lugar pela reafirmação dos padrões da imprensa escrita. A primeira fase da implantação do jornalismo no ambiente sonoro com os jornais falados e a transposição dos conteúdos do impresso para a leitura nos primeiros radiojornais é uma constatação deste aspecto. Após a profissionalização e a inserção de novas formas de tratar a notícia no rádio, o jornalismo sonoro ganhou vida própria ao agregar texto, subtexto e demais elementos da linguagem sonora, como a música, ruídos e o silêncio. Outro destaque é quanto ao discurso polifônico do meio com a alternância de sujeitos falantes no microfone, o que gera a necessidade de formatos diferenciados para a compreensão do ouvinte no momento de perceber diferenças entre fato e opinião, ou o que representa o papel do jornalista e da fonte na notícia transmitida.

A superação eletrônica do gênero gráfico não afeta apenas a linguagem do jornalismo. Afeta também o discurso enquanto uso desta linguagem que a põe em contato com a realidade. O amadurecimento do novo gênero não representa apenas uma nova

forma de enunciação, transforma substancialmente também a forma do enunciado. Essa modificação pode ser constatada nas mudanças provocadas em sua estrutura. (Meditsch, 2001, p. 193)

A seletividade das fontes, uma das principais bases desta discussão, é abordada por Ferraretto (2014) em sua classificação a partir de duas modalidades: internas e externas. As internas compreendem as equipes de reportagem, enviados especiais, editores, correspondentes, apuração dentro da redação. Já as externas são assessorias de imprensa, agências de notícias, informantes e a internet. Para Rutilli (2014) é necessário olhar para as fontes no ambiente digital que passaram a apropriar-se de ferramentas para a conquista de lugares de fala na internet, além da própria busca pelos jornalistas nas redes sociais. Nos dois casos, as classificações são destacadas como presentes no rádio, mas não necessariamente questionam o processo de seleção desempenhado pelos jornalistas do meio.

O papel do gatekeeper do rádio, com suas especificidades e atribuições próprias no ambiente que está inserido é abordado por Lopez (2009) em uma observação participante nas emissoras CBN (All News) e Band News FM (Talk and News). A autora tece considerações sobre a inserção de tecnologias na redação e consequências como apuração de fontes secundárias de informação em detrimento da observação no local dos acontecimentos. A construção de boletins como o Repórter CBN a partir de assessorias e agências, ou então de sites e buscas realizadas no Google na Band News reforçam os argumentos sobre o papel do gatekeeper neste processo como mero seletor ou com a função de atualizar as informações repassadas ao público.

O jornalista, que muitas vezes assume o papel de “porteiro” deve lidar com esse jogo de interações ao acessar a infinidade de fontes que tem a sua disposição, muitas com conteúdo pronto para publicação. Essa disponibilidade de material leva a padronização dos textos e das fontes. Algumas são constantemente acessadas pelos comunicadores para informar/analisar/comentar os acontecimentos de um dado setor e seus desdobramentos. O gatekeeper, neste momento, age definindo quais coberturas terão mais atenção, abordadas a partir de gêneros mais interpretativos, variando também de acordo com o perfil editorial e a rotina produtiva do veículo. A inserção de tecnologias no cotidiano do jornalista faz com que a sua relação com as fontes e a sua própria posição como observador social seja revisitada. O jornalista tem hoje duas possibilidades de uso das tecnologias: 1) como colaboração para o jornalismo; 2) como substituição dos processos de apuração e consequente desvinculação do conteúdo com o público da emissora. (Lopez, 2009, p. 61)

Por outro lado o processo tecnológico e a emergência de fontes cada vez mais profissionalizadas como destacaram Shoemaker e Vos (2011), reforça a presença e a necessidade do gatekeeper com um papel fundamental nos processos de seleção e apuração criteriosa das informações. Lopez (2009) reafirma essa posição, principalmente diante do reposicionamento do mercado e a manutenção do jornalista na redação, evidenciando o conceito de Erick Neveu (2006), quanto ao “jornalista sentado”. Uma das

características do rádio hipermediático é que diante das novas tecnologias, o jornalista se ausenta do palco dos acontecimentos e da observação destas ações no local.

Desta forma, elementos centrais da tecnologia e da convergência, que alteram as demarcações do gatekeeping também fragilizam o processo de construção da notícia (Lopez, 2009). Ao mesmo tempo em que surge a proposta de gatewatcher e do mobilizador de audiência acreditando em novas possibilidades participativas, questões como pressões políticas e a redução de custos nas redações são partes do contexto vivido no âmbito jornalístico. Também é necessário reconhecer que a audiência tem papel decisivo na produção da notícia desde as primeiras participações por carta ou via telefone dentro das redações radiofônicas, sendo remodeladas hoje com plataformas diferenciadas.

O rádio, diferentemente do impresso e dos portais online, possui elementos específicos que reforçam uma presença diferenciada do gatekeeper na produção informativa. Prado (1989) destaca a simultaneidade e a instantaneidade como características essenciais da produção radiofônica em diferentes partes do organograma das redações. A construção informativa e a difusão destas notícias parte da redação e até a transmissão no dial ou online passa por um conjunto de seleções que envolvem editores, chefes de reportagem e até mesmo os apresentadores do programa, muitas vezes construída ao vivo (Meditsch, 2001).

Em pesquisa sobre as informações veiculadas na Rádio CBN no ano de 2002, Villaça (2004) identifica que o próprio ancora na época, Heródoto Barbeiro, selecionava informações por email de agências, assessorias e outros sites para a veiculação. O gatekeeper do rádio, ou Mr. Rádio Gate não possui neste sentido autonomia para a publicação nas diversas partes do processo, mas agrega os valores profissionais e os constrangimentos organizacionais que influenciam no momento da seleção e escolha dos materiais apresentados (Breed, 1999).

Com a pergunta “o que constitui a notícia?”, Buckalew (1974) realizou uma pesquisa com 33 editores em 29 estações de rádio locais de 11 cidades diferentes, entre grandes, médios e pequenos mercados. O autor dividiu em 11 editores em cada tamanho de mercado, partindo do pressuposto de que esta dimensão resultaria também em números diferenciados de jornalistas trabalhando nas redações. As conclusões do autor, sem ressaltar as caracterizações específicas do meio, foram de que assim como aconteceu em uma investigação anterior com o processo de gatekeeping na televisão, as escolhas no caso do rádio foram baseados em valores como conflito, alto impacto, proximidade e atualidade. O autor também concluiu que as decisões são parecidas entre os gatekeepers, independente do tamanho do mercado, e o nível de aceitação na seletividade das informações foi de 44%, ou seja, maior que os 28% da televisão em pesquisa realizada anteriormente.

Assim, a velocidade de informações, o tempo e o espaço das notícias passam por filtros no caso do radiojornalismo, mas de maneira diferente do contexto de produção que culminou nos conceitos e estudos sobre gatekeeper, gatewatcher ou do mobilizador da audiência. Diferentemente das propostas de veiculação no impresso e na internet, uma rádio All News, por exemplo, tem um amplo espaço de veiculação, mas que fontes ou informações possuem mais forças para ultrapassar os diferentes guardiões de cada portão presentes nas redações? Ou então, de onde vêm as notícias no radiojornalismo? O jornalismo, dentro do rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) e hipermediático (Lopez, 2010), é envolvido por características clássicas de atualização das informações e do próprio processo produtivo que compõe suas principais características, como as apresentadas por Ortriwano (1985). O diferencial das novas configurações tecnológicas da atualidade remete a um gatekeeper que é parte das complexas estruturas jornalísticas que passam pelo reposicionamento dos mercados da radiodifusão. A novidade no momento é a adoção de diferentes formatos para o ambiente online como propõe Lopez (2010), porém ainda com as características desenvolvidas pelo suporte radiofônico e em meio a uma série de incoerências da atualidade, como sucessivas demissões e a redução da mão de obra nas redações radiofônicas.

Questões como a entrada do canal da audiência, como apontada por Shoemaker e Vos (2011) e aprofundadas em Bruns (2011) e Barsotti e Aguiar (2012) estão presentes no rádio antes do advento da internet, mesmo que em formatos diferenciados. Entre os exemplos estão as participações em programas como “Jurado 13”, desenvolvido no Uruguai por Mário Kaplun que tinha na opinião dos ouvintes, os desfechos para seus debates ou a formação de principais hits musicais ou notícias escolhidas por meio de ligações em programas radiofônicos. As novas tecnologias proporcionam, para além do reconhecimento da participação, da diversificação de canais informativos, um repensar sobre a ótica do gatekeeper diante da possibilidade do alargamento dos portões de controle da informação. Com esta contextualização, o resultado pode ser não somente a falta de uma apuração criteriosa das informações, mas sim uma posterior dependência de canais que muitas vezes não tenham o interesse público ou os valores notícia como objetivo final dos conteúdos noticiosos.

Fluxo de seleção das fontes no Impeachment

O estudo sobre o fluxo de seleção das fontes no processo de gatekeeping no jornalismo radiofônico com as entrevistas realizadas com cinco jornalistas durante a cobertura do impeachment, três premissas centrais envolvem as bases do estudo. A primeira delas é de que as notícias são produtos sociais da a) organização burocrática dos media; b) da estruturação de valores notícia; e c) da construção noticiosa que passa pelo processo de identificação (gatekeeping) e contextualização de mapas culturais de significado (Hall et al., 1999). De acordo com os autores, mesmo não estando de “modo simplista” a serviço de determinadas instituições, as rotinas produtivas permeadas pelas

pressões por rapidez na produção, exigências profissionais de objetividade levam a um acesso sistemático por parte dos definidores primários. As instituições e atores com papéis privilegiados economicamente e politicamente, dentro ou fora do Estado e que compõem o papel hegemônico na sociedade são compreendidos no termo “*primary definers*”.

São esses atores que estão em níveis elevados na hierarquia da credibilidade e definiriam o tratamento subsequente de informações na sociedade. De acordo com Hall et al (1999), a necessidade de fontes dignas de crédito, autorizadas e objetivas com posições institucionais ou como peritos dessas situações levam à dicotomia entre as regras exigidas na objetividade e a dependência de definidores primários, muitas vezes oriundos de setores hegemônicos da sociedade.

A segunda premissa é o argumento de Molotch e Lester (1999) em que há uma diferença de status e relações de poder entre as fontes que incidem sobre o acesso ao jornalismo e as estratégias de promoção das ocorrências na sociedade. Essa possibilidade se dá por três formas: a) quando os promotores têm acesso habitual à mídia, como é o caso de fontes oficiais, sobretudo altos funcionários do governo; b) acesso disruptivo, quando os acontecimentos promovidos se tornam um problema para os poderosos em manifestações, ocupações e outras atividades das fontes; c) acesso direto com a investigação de dados promovida pelos jornalistas com a criação de novas ocorrências (Molotch e Lester, 1999).

A terceira premissa é o momento do rádio expandido (Kischinhevsky, 2016), que transmite informações não somente via ondas hertzianas, mas na TV por assinatura, redes sociais, dispositivos móveis e outras plataformas, também passa na atualidade pela diminuição no número de profissionais nas redações com o advento do jornalista sentado (Neveu, 2006) e de fontes cada vez mais profissionalizadas (Chaparro, 1994). A desigualdade no acesso ao temário (Molotch e Lester, 1999) e a hierarquia da credibilidade com a recorrência a fontes oficiais são questões que permanecem em meio à necessidade de uma agenda pública que compreenda a diversidade social. Reconhecendo o jornalismo como um espaço público dos conflitos, os anos 1990 e 2000 mostram as fontes como sujeitos institucionalizados, que se capacitam para produzir acontecimentos, gerar conteúdos e interferir na pauta jornalística, utilizando esse ambiente para agir e interagir no mundo.

Para a análise sobre as especificidades do gatekeeper radiofônico foram realizadas entrevistas com cinco jornalistas de diferentes emissoras que participaram da cobertura do impeachment em agosto de 2016 (CBN, BandNews, Gaúcha, Bandeirantes). Entre os diferenciais do processo está a cobertura no local dos acontecimentos, no caso o Congresso Nacional, o que não impediria o trabalho na produção e retaguarda nas emissoras com dados contextuais e busca de fontes diferentes daquelas que estão

presentes no mundo político. Os dados coletados com os jornalistas foram divididos nos seguintes eixos temáticos: a) fluxo noticioso de seleção das fontes; b) fontes profissionalizadas x não profissionalizadas; e c) especificidades produtivas.

No fluxo noticioso da seleção das fontes durante o processo de cobertura, quatro jornalistas afirmaram possuir a liberdade de escolher quem poderia falar ou não durante a cobertura. Mesmo não reconhecendo os constrangimentos organizacionais (Breed, 1999) presentes em todas as emissoras e não expostos durante as entrevistas, a disposição política de deputados e senadores no período garantia “liberdade” para a escolha das vozes presentes no noticiário do período.

A gente tem a liberdade de escolher, principalmente quando estávamos acompanhando, a gente entrevista quem está ali, não precisa ligar para o editor. Isso nos dá a liberdade de escolher na hora com quem eu vou falar. Só quando ocorrem matérias mais trabalhadas, que surgem fontes com indicação, caso de algum procurador. No caso do congresso, eles gostam de falar, ainda mais sobre o impeachment. Eles geralmente são acessíveis, a não ser que ocorra um escândalo, mas isso é realizado de forma profissional. (Jornalista A)

O fluxo de seleção com fontes profissionalizadas proporcionou aos jornalistas receberem diretamente no Senado, convocações de coletivas de imprensa, dados contextuais, horários específicos de entrevistas e até mesmo a organização de fala na tribuna da casa em horários de audiência em rede nacional (caso do CBN Brasil durante o meio dia). Nas redações, os releases enviados por fontes como a Procuradoria Geral da República sobre a Lava Jato estavam nas principais pautas sobre o processo de impedimento. Segundo a Jornalista B, a escolha das fontes possuía um roteiro pré-definido pelo nível de representação interna na casa:

Acabamos procurando as mesmas fontes como uma forma de centralizar informações e por sabermos que são pessoas com autorização do partido e facilidade em falar com a imprensa, como era o caso do deputado e presidente da casa Eduardo Cunha (PMDB), “dono do processo”; Renan Calheiros (PMDB), o revisor e comandante da casa que daria a sentença final; Relatores do processo, como Jovair Arantes (PTB) e Antonio Imbasahy (PSDB); Líderes de oposição, como Aécio Neves (PSDB), Cássio Cunha Lima (PSDB); Líderes de governo e PT, Paulo Teixeira, Humberto Costa; Líderes de governo de outros partidos, como Jandira Fegali, do PCdoB; Parlamentares do centrão, como, Rogério Rosso (PSD) e Paulo Pereira (Paulinho da Força – SDD) e os “imparciais” representados por Chico Alencar e Alessandro Molon. (Jornalista B)

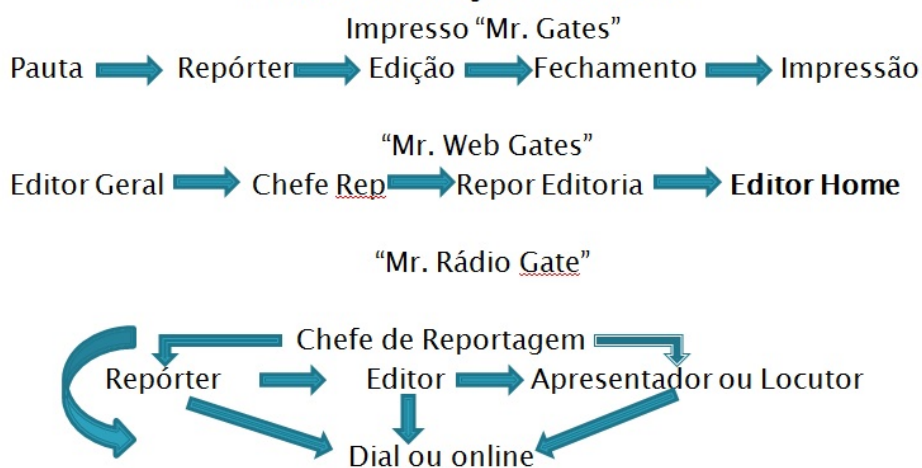
Nesse sentido, a profissionalização provoca uma ampliação do contato direto com os jornalistas e a facilitação da cobertura durante o período. Segundo o Jornalista C, isso implica ações diretas tanto no objeto que estava em votação no Senado, como no que isso representa para a sociedade. Já para o Jornalista D, faltou a retaguarda de jornalistas nas redações que buscassem fontes alternativas para análises contextualizadas com a opinião de movimentos sociais, especialistas e cientistas políticos que buscassem analisar o objeto

central da votação (pedaladas fiscais) e não somente nos discursos repetitivos que fugiam do tema que estava em jogo.

O estilo Cunha, quanto ao poder de comunicação, em vários momentos prevaleceu sobre a estratégia de seus opositores, no caso o PT. Muitos líderes petistas não conseguiam ter a mesma interlocução, por vários motivos, antipatia, argumentos repetitivos, dificuldade de se comunicar sem intermediários (assessores de imprensa), preferência por determinados jornalistas de determinados veículos, direcionamento editorial de algumas empresas jornalísticas, discurso complexo e ideológico que não explicava por que o governo não ia bem e por que um processo de impeachment se tornava cada mais plausível”. (Jornalista C)

Nas especificidades produtivas do radiojornalismo, o gatekeeping, ainda que diretamente no congresso nacional não dependia de uma hierarquia específica dentro das redações para a escolha das fontes. A única questão colocada pela Jornalista B quanto as principais vozes ouvidas pelas emissoras reflete a mesma opinião da Jornalista E que reafirma a posição de escolha por aqueles que já estavam setorizados na cobertura: “Nós escolhíamos diretamente, até por uma característica básica do rádio que é o ao vivo, quando precisávamos falar ao vivo, não havia muito tempo para comunicar editor ou chefe de reportagem. Como já cobrimos o congresso e o próprio impeachment, isso já era aberto” (Jornalista E).

Fluxo de seleção noticiosa



Fonte: elaboração própria

Ao contrário do jornalismo impresso (White, 1950) e do web (Barsoti e Aguiar, 2012), a natureza substantiva do rádio e características essenciais da cobertura influenciaram no ritmo de cobertura do processo que está presente em outros momentos do cotidiano do trabalho nas emissoras. Assim como no caso do impeachment, as disputas

pela construção de sentido tiveram na profissionalização da relação com os jornalistas uma estratégia central. Por outro lado, reforça-se a necessidade de repensar os conceitos de gatekeeping e gatwatching dentro das especificidades apresentadas nas rotinas profissionais de construção da notícia no rádiojornalismo.

Situações como a ausência dos jornalistas no palco dos acontecimentos com a manutenção de profissionais na redação e o conseqüente alargamento dos portões de controle das informações são partes do contexto multitarefa e convergente do rádio expandido. Assim, o Mr. Rádio Gate, inserido em diferentes posições na redação e no estúdio do rádiojornalismo é pressionado pelos constrangimentos organizacionais, subjetivos e pessoais, mas que tem como norte os mesmos critérios de noticiabilidade apontados por Wolf (2009). O que muda no neste processo de gatekeeping são as diferentes posições e formas que uma fonte é acessada ou então um release e uma notícia produzida por uma agência pode chegar a ir ao ar. Outra situação é a disponibilidade da empresa em enviar correspondentes e atender geograficamente a essas informações em diferentes locais da cidade (Shoemaker e Vos, 2011). Também assim, uma emissora cabeça de rede, em uma cidade como Rio de Janeiro, possui diferentes formas de dependência de fontes externas que uma emissora que está no interior do país.

Considerações finais

A proposta segue para um gatekeeping específico no rádio, envolvido por processos de apuração com fontes internas, externas e outras situações características da natureza imediata do jornalismo de caráter substantivo. No ao vivo, a construção informativa ao longo do dia, a possibilidade de entrada de informações por diversos portões comandados por Rádio Gates como chefes de reportagens, repórteres, editores e até os apresentadores dos programas nos faz repensar a lógica dos meios impressos. Como afirmam Shoemaker e Vos (2011), os gatekeepers estão em variados canais, sejam as assessorias e agências, sejam nas funções exercidas no próprio meio. No rádio esse processo se aprofunda, diferente das rotinas produtivas da TV e dos meios impressos e até mesmo com o advento da internet diante da fase da multiplicidade da oferta.

Com o rádio expandido, as questões se aprofundam, não necessariamente para a autonomia do profissional jornalista na escolha do que levar ao ar no momento do ao vivo, mas para a homogeneização das redações informativas e a possibilidade de submissão a outros atores envolvidos neste processo. A constatação sobre o jornalista sentado e de outras tecnologias aumentam a probabilidade do alargamento dos portões e segue agora para um desafio permanente: selecionar fontes e informações pela ótica dos valores e critérios de noticiabilidade e manter a instituição jornalismo independente na construção informativa do dia a dia.

Nesse mesmo sentido, o fluxo da informação não segue uma linha automática que segue claramente a hierarquia da redação. O jornalismo de natureza substantiva, algo presente no rádio desde as primeiras transmissões evoca um posicionamento do gatekeeper diferenciado de outras mídias ou como o conceito se apresenta. Os estudos nesse sentido contribuem para clarificar um dos principais termos utilizados nas teorias do jornalismo, além de servir como base para outras questões, como a profissionalização das fontes e as implicações disso na seleção das vozes sociais e o encaixe dos agentes em temáticas específicas, nem sempre contemplando a diversidade e a pluralidade de discussões.

Assim como no caso do impeachment a seleção das vozes sociais que participam do noticiário é um ato preponderante na apresentação de um jornalismo de qualidade no cotidiano das programações radiofônicas. Reconhecer as especificidades do meio quanto à base teórica do gatekeeping proporciona um olhar diferenciado sobre a presença de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas nas temáticas sociais. Algo que Miguel e Biroli (2010) argumentam no caso da política, onde o mundo dos homens de grava ditam as regras de quem fala ou não, outras questões ainda são relegadas a setores da sociedade que nem sempre representam a diversidade social e cultural do país.

Referências bibliográficas

- Barsotti, A., & Aguiar, L. A. (2012). Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo online. *Alceu*, v. 13, n. 25.
- Buckalew, J. K. (1974). The local radio news editor as a gatekeeper. *Journal of Broadcasting*, 18:2, 211-222.
- Breed, W. (1999). Controle social na redação: uma análise funcional. En: Traquina, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja.
- Bruns, A. (2005). *Gatewatching: collaborative online news production*. New York: Peter Lang.
- Bruns, A. (2011). Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo. *Brazilian Journalism Research*. v. 7, n. 2.
- Chaparro, M. C (1994). *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus Editorial.
- Ferraretto, L. A (2014). *Rádio - Teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Summus.
- Hall, Stuart et al. (1999). A produção social das notícias: o mugging nos mídia. En: Traquina, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega.

- Kischinhevsky, M. (2016). Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Lopez, D.C. (2010). Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: UBI/LabCom Books.
- Lopez, D.C. (2009). A construção da notícia no rádio contemporâneo: O papel do gatekeeper no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. Chasqui, No. 108, Diciembre.
- Meditich, E. (2001). O Rádio na Era da Informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular.
- Miguel, L.F., & Biroli, F. (2010). Visibilidade na mídia e campo político no Brasil. Dados – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3.
- Molotch, H., & Lester, M. (1999). A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. En: Traquina, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega.
- Neveu, E. (2006). Sociologia do jornalismo. São Paulo: Loyola.
- Ortriwano, G.S. (1985). A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 2ª ed. São Paulo: Summus.
- Prado, E. (1989). Estrutura da informação radiofônica. São Paulo: Summus.
- Rutilli, M. (2014). Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência: um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Shoemaker, P J., & Vos, T. P. (2011). Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Editora Penso.
- Traquina, N. (2005). Teorias do jornalismo Volume I: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular.
- Tuchman, G. (1983). La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili.
- Villaça, L. (2004). Radiojornalismo na era digital: Internet como fonte de notícias na Rádio CBN - São Paulo. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom 2004, 2004, Porto Alegre - RS. Comunicação, acontecimento e memória.

White, D. (1999). O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias. En: Traquina, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega.

Wolf, M. (2009). Teorias da comunicação. Lisboa: Presença.